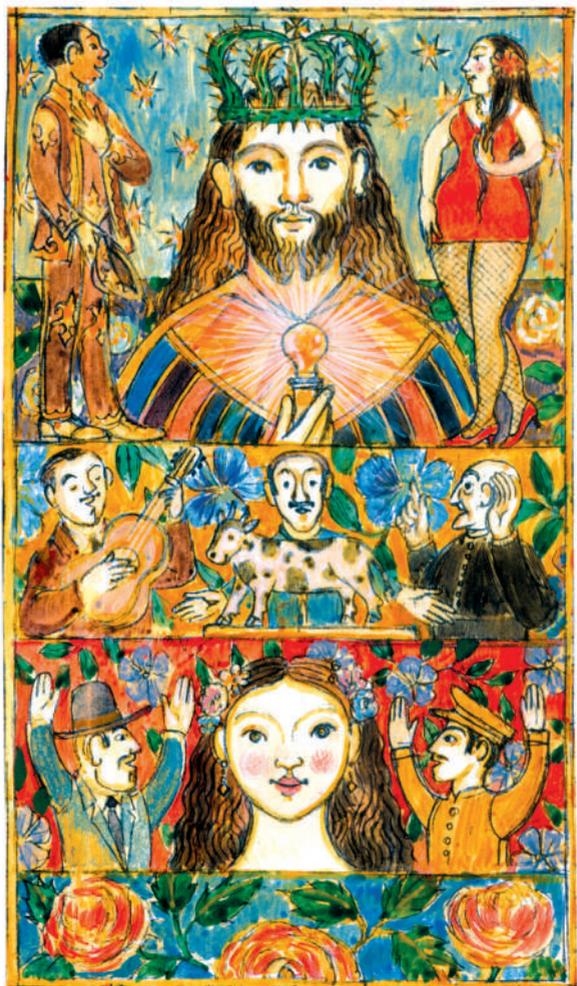


Ariano Suassuna



A Pena
e a Lei

Ediouro Publicações
de Lazer e Cultura

A Pena
e a Lei

Ariano Suassuna

A Pena
e a Lei

7ª edição

**Ediouro Publicações
de Lazer e Cultura**

Copyright © 2018 Ilumiara Ariano Suassuna
Copyright desta edição © 2018 Ediouro
Publicações de Lazer e Cultura Ltda.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDIOURO PUBLICAÇÕES DE LAZER E CULTURA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDIOURO PUBLICAÇÕES DE LAZER E CULTURA LTDA.
Rua da Candelária, nº 60 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S933p
7ª ed.

Suassuna, Ariano 1927- 2014
A pena e a lei / Ariano Suassuna — 7ª edição — Rio de Janeiro:
Ediouro Publicações de Lazer e Cultura, 2018.

ISBN 978.85.00.02757-4

1. Teatro brasileiro (literatura). I. Título.

CDD: 869.92

CDU: 869.0(81)-2

Esta peça é dedicada a Rita, Zélia, Selma, Germana e Marcos Suassuna, agradecendo a visita que me fizeram em 1951, em Taperoá, e pedindo às três primeiras que intercedam junto aos outros dois para que eu possa participar da empresa da “Acauhan” e da gloriosa expedição à África.

A. S.

PRIMEIRO ATO

O Primeiro Ato de A pena e a lei denomina-se “A inconveniência de ter coragem”. Deve ser encenado como se se tratasse de uma representação de mamulengos, com os atores caracterizados como bonecos de teatro nordestino, com gestos mecanizados e rápidos. No Segundo Ato — que se chama “O caso do novilho furtado” — os atores já representam num meio-termo entre boneco e gente, com caracterização mais atenuada, mas ainda com alguma coisa de trôpego e grosseiro, que sugira a incompetência, a ineficiência, o desgracioso que, a despeito de sua condição espiritual, existe no homem. Somente no Terceiro Ato é que os atores aparecem com rostos e gestos teatralmente normais — isto é, normais dentro do poético teatral — para indicar que só então, com a morte, é que “nos transformamos em nós mesmos” (de acordo com uma frase de Luiz Delgado). Dois personagens, porém, Cheiroso e Cheirosa, desde a introdução que se apresentam como os demais no Segundo Ato; e assim permanecem nos entreatos, porque nesses momentos representam, como pessoas, os donos do mamulengo. Cheiroso sugere o Cristo no Terceiro Ato, e Cheirosa faz a Marieta em toda a peça, pelo que a segunda representa a introdução, os entreatos e o Segundo Ato como meio-termo entre boneco e gente, o Primeiro Ato como mamulengo, e o terceiro como gente de farsa. As vozes dos personagens — numa ideia excelente que

Hermilo Borba Filho teve para a encenação — também podem ser caricaturadas, podendo, por exemplo, Vicentão falar fino e o Cabo Rosinha grosso e rouco. Dos cantos adotados na peça, algumas letras são populares anônimas e outras do autor, sendo que dois “martelos” que nela figuram são baseados em versos populares do cantor Dimas Batista. No espetáculo, podem ser cantados— o que é preferível — ou somente recitados, caso se resolva deixar de lado o “terno” de tambores e pífanos e a música. Na primeira hipótese, os cantos devem ser pelo menos baseados nas “solfas” dos cantadores nordestinos. Quanto ao cenário, quando o pano abre representa um mamulengo: quatro estacas formando, no palco, um quadrilátero; pregado nelas, um pano que vai quase até o peito dos atores, com os dizeres “Mamulengo de Cheiroso — Ordem, Respeito e Divertimento”. O “terno” tem atacado a introdução antes de o pano abrir. Cheiroso e Cheirosa entram, cada um por um lado do palco, dançando o xaxado. Ao mesmo tempo, os outros atores aparecem dentro do mamulengo, cantando e dançando.

TODOS

Cadê seus homens, Maria? Cadê seus homens, cadê?

CHEIROSA

Meus homens foram pra guerra ou estão brincando de se esconder. Ai! Ai!

TODOS

Cadê seus homens, Maria? Cadê seus homens, cadê?

A PENA E A LEI

CHEIROSA

Meus homens foram pra guerra ou estão brincando de se esconder.

TODOS

Ninguém sabe que marido Marieta escolherá. Todo mundo gosta dela.

CHEIROSA

Eu de alguém hei de gostar.

TODOS

Marieta é um problema,

CHEIROSA

Quem viver é quem verá.

TODOS

Marieta é um problema,
quem viver é quem verá.

Marieta é um problema,
quem viver é quem verá.

Com a introdução terminando, os personagens arriam dentro do mamulengo, como se fossem bonecos, e Cheiroso anuncia o espetáculo.

CHEIROSO

Atenção, respeitável público, vai começar o espetáculo!

CHEIROSA

Vai começar o espetáculo!

CHEIROSO

Vai começar o maior espetáculo teatral do País!

CHEIROSA

Vai começar o maior espetáculo musicoteatral do universo!

CHEIROSO

O presente presépio de hilaridade teatral denomina-se *A pena e a lei* porque nele se verão funcionando algumas leis e castigos que se inventaram para disciplinar os homens. E, como era de esperar, tudo isso tem de começar por algumas transgressões da lei, pois quando se traçam normas e sanções, aparece logo alguém para transgredi-las e desafiá-las!

CHEIROSA

Pedante não, aqueles pipocos!

CHEIROSO

Cachorra!

CHEIROSA

Safado!

CHEIROSO

Sai daí! O “Mamulengo de Cheiroso” tem o prazer de apresentar...

CHEIROSA

A grande tragicomédia lírico-pastoril!

A PENA E A LEI

CHEIROSO

O incomparável drama tragicômico em três atos!

CHEIROSA

A excelente farsa de moralidade!

CHEIROSO

A maravilhosa facécia de caráter bufonesco soberbamente denominada...

CHEIROSA

A pena e a lei!

CHEIROSO

Isso é uma desgraça! Você não vai fazer o papel de Marieta, peste?

CHEIROSA

Ah, vou! Eu gosto! Eu gosto porque Marieta é uma mulher assim, dessas da rede rasgada, todos os homens gostam dela e eu sou louca por isso!

CHEIROSO

Então entre aí no mamulengo e deixe de conversa que o negócio vai começar! (*Cheirosa entra no mamulengo e se oculta por trás do pano, onde se veste de boneca de mamulengo.*) Vai começar! Este Primeiro Ato denomina-se “A inconveniência de ter coragem” e nele se demonstra, de modo insofismável, que a coragem é coisa improvável e carga pesada neste mundo de surpresas e disparates. Vai começar!

CHEIROSA, *erguendo-se por trás do pano*
Vai começar!

CHEIROSO

Essa peste só vai no catolé! (*Dá-lhe um “catolé”, e Cheirosa arreia.*) Música! Mete os peitos, maestro!

Sai. O “terno” dá o tom em ritmo de baião. Por trás do pano do mamulengo, aparecem Benedito e Pedro. Daqui em diante, quando aparece Marieta, já se sabe que é Cheirosa, dentro do mamulengo, vestida como boneca, o que só não vale para o momento dos entreatos e do final.

BENEDITO

Sou negro, sou negro esperto,
sou negro magro e sambudo,
sou negro fino e valente,
negro de passo miúdo:
branca, morena ou mulata,
eu ajeito e enrolo tudo!

PEDRO

Benedito é mesmo fino,
é mestre de geringonça:
enrola branca e mulata
com essa fachada sonsa.
Mas, com toda essa esperteza,
negro é comida de onça.

BENEDITO

Lá vêm as gracinhas bestas!

A PENA E A LEI

PEDRO

Rá, rá, rá! Benedito acha graça em tudo, menos nisso! Porque será que o povo diz que onça gosta de comer negro?

BENEDITO

Isso é invenção desse povo ignorante! Isso me dá uma raiva!

PEDRO

Calma, calma! Que é que você tinha para me dizer?

BENEDITO

É o negócio de Marieta, ainda!

PEDRO

Você continua apaixonado?

BENEDITO

E que é que eu posso fazer, Pedro? A mulher tem todas as qualidades: ingrata, cruel, fingida, cheia de ternuras e de malícias, ingênua, cabotina, sincera, leal, incapaz de uma traição, falsa, traidora, bonita, sem escrúpulos... É maravilhosa! Depois que ela apareceu por aqui, vinda da serra, anda todo mundo doido!

PEDRO

Menos eu! Menos eu, que não conheço a moça! Mas será que isso vai dar certo, Benedito? Pelo que você me disse, o procedimento de Marieta não é lá muito bom não!

BENEDITO

Deixe de ser mesquinho, Pedro! Marieta vive daquele modo, recebendo um e outro, por causa de certas circunstâncias! Estou inteiramente apaixonado!

PEDRO

E ela corresponde?

BENEDITO

Sei lá! Como diabo eu posso saber, com aquela ingrata, aquela fera, aquela onça desapiadada e selvagem? Às vezes eu penso que sim, às vezes que não... Um inferno, um inferno!

PEDRO

Mas querendo conquistá-la aqui, a sério, só tem você, não é?

BENEDITO

Ah se fosse! Para você ter uma ideia de minha desgraça, basta que eu lhe diga que meus rivais mais importantes são o Delegado, Cabo Rosinha, e o valentão-fazendeiro, Vicentão Borrote!

PEDRO

O Cabo Rangel e Seu Vicentão? Saia dessa dança, Benedito! Que é que você quer, se metendo com esses dois assassinos?

BENEDITO

O que é que eu quero? Quero conquistar aquela mulher, Pedro! E o pior é que os dois valentões juraram se matar, ontem, na primeira vez em que se avistassem hoje: tudo por causa dela!

PEDRO

Benedito, meu filho, não repare eu perguntar não, mas você já mandou fazer os convites?

BENEDITO

Convites pra quê?

PEDRO

Pra sua missa de sétimo dia! Meter-se numa briga desses dois é morte certa!

BENEDITO

Que nada! Meu plano vai dar certinho! Não é possível que eu passe o tempo ajeitando a vida dos outros e comigo dê errado toda vez. Porque parece que é um azar meu: sempre que planejo um golpe em benefício meu, dá errado. Mete-se uma falhazinha no meio e estraga o negócio. Prevejo tudo, acerto, tapo todos os buracos, mas, na hora mesmo, lá vem a falhazinha e vai tudo d'água abaixo. Mas com Marieta, você vai ver uma coisa! Você trouxe o anel e os brincos que eu encomendei?

PEDRO

Trouxe, tome! Mas Zé Ourives disse que você tem que pagar até amanhã.

BENEDITO

Não se incomode! Qual é o preço dos brincos?

PEDRO

Um conto.

BENEDITO

E o anel?

PEDRO

Dois.

BENEDITO

Está bem, vou dá-los de presente a Marieta e ela será minha.

PEDRO

Pode me dizer com que dinheiro você paga tudo?

BENEDITO

Com o dinheiro de Vicentão Borrote e do Cabo Rosinha.

PEDRO

Benedito, você é um homem morto!

BENEDITO

Sou nada!

PEDRO

Isso vai dar um defuntinho preto tão duro que Ave-Maria! E outra coisa: quando estiver junto de mim, acabe com esse negócio de chamar Seu Vicentão de “Borrote” e o Cabo Rangel de “Rosinha”: uma vez, em Serra Branca, dois camaradas morreram num dia só, por causa disso. Dizem que antes de esfaquear, eles obrigaram os atrevidos a cavarem a cova, como se faz com os Cangaceiros.

A PENA E A LEI

BENEDITO

Mas, meu filho, eu não estou lhe dizendo que vou desmoralizar os dois? Fique aqui que você vai ver.

PEDRO

Não fico coisa nenhuma, não tenho vocação nenhuma para defunto! Pelo menos você está armado?

BENEDITO, *mostrando um revólver e um cacete*
Bom, em último caso, tenho aqui esses cinco contos de “lá vai chumbo” e esse “birro de quina”, esse pedaço de “Deus me perdoe”. Mas não é preciso você se arriscar: quando o negócio estiver para estourar, eu aviso e você sai. Agora, fique e conheça Marieta.

PEDRO

Ela mora aqui?

BENEDITO

Claro, você não notou nada? Parece até que o ar que se respira aqui é outro! (*suspirando*) Ah! Marieta, mulher cruel! (*Chama.*) Marieta!

MARIETA, *aparecendo*

Quem me chama?

BENEDITO

Eu, ingrata!

MARIETA

Benedito, moreno de ouro! Onde andava esse ingrato, que há três dias não me aparece?

BENEDITO

Ah, uma chapuletada com o “Deus me perdoe”! Você não me botou pra fora de casa, mulher? Não disse que quem gostava de negro era a onça, Marieta, mulher sem coração?

MARIETA

Você não sabe que eu só insulto as pessoas de quem gosto?

BENEDITO, *descangotando*

Ai, que com essa eu descangoto!

PEDRO

Benedito, tenha mais dignidade! Um sujeito como você, ativo, inteligente, instruído, com esses gritos por causa de uma mulher! Dê-se a respeito!

MARIETA

Quem é esse intrometido?

PEDRO

Guio um caminhão de carga,
essa é minha profissão:
sozinho pelas estradas,
no sol ou na escuridão,
comendo o vento da noite
e a poeira do sertão.

MARIETA

Muito bonita essa história
de trabalho e solidão,

mas nunca vi motorista
sozinho aqui no sertão:
Vai sempre uma moça ao lado,
a serviço do patrão.

(Repete os dois últimos versos e depois formaliza-se.)
Então é o senhor? Como vai o senhor, Senhor Pedro?

BENEDITO

Que negócio é esse? Você conhece Pedro?

MARIETA

Conheço, vim da serra no caminhão dele, quando vim
para Taperoá!

BENEDITO

Você não disse que não conhecia Marieta? Marieta conhece
você!

PEDRO

Mas eu não conheço Marieta, que é que há? Tinha graça um
motorista se lembrar de todas as pessoas que carrega na boleia!

MARIETA

Como é que o senhor sabe que foi na boleia, hein, Senhor
Pedro?

PEDRO

Eu não sei coisa nenhuma, foi um modo de falar!
Benedito, adeus! Não fico mais aqui de jeito nenhum!

Arreia dentro do mamulengo.